

NÃO NOS ARDIA O CORAÇÃO

UMA MEDITAÇÃO SOBRE A VIDA EUCARÍSTICA

Henry J. M. Nouwen - Paulina, 2006, 2ª Edição

ÍNDICE

Introdução	1
No Caminho de Emaús	3
I – Chorando as nossas perdas: «Senhor tende piedade de nós» ..	4
II – Discernindo a Presença: «Palavra do Senhor»	12
III – Convidando o Estranho: «Eu creio»	19
IV – Entrando em Comunhão: «Tomai e comei»	24
V – Partindo em missão: «Ide e anunciai»	30

Introdução

Eu celebro todos os dias a Eucaristia. Às vezes, na minha paróquia, com a assistência de centenas de pessoas, outras vezes, na capela de Daybreak, com alguns membros da minha comunidade, outras vezes ainda, numa suíte de hotel, com um pequeno grupo de amigos

ali presentes connosco? Será que a Eucaristia continua a ser uma coisa que eles conhecem, em que pensam ou que desejam? Como é que esta celebração diária está associada à vida quotidiana dos homens e mulheres comuns, quer eles estejam presentes, quer não? Será, porventura, mais qualquer coisa do que uma cerimónia maravilhosa, do que um ritual calmante ou do que uma confortável rotina? Finalmente, será que a Eucaristia nos transmite vida, uma vida capaz de ultrapassar a morte?

Todas estas Interrogações são muito reais para num; aliás, pedem-me constantemente uma resposta. Ah, sim, eu tenho encontrado respostas, mas parece-me sempre que elas não permanecem por muito tempo, no meu mundo em permanente mutação. A Eucaristia dá sentido ao meu estar no mundo, mas, à medida que o mundo vai mudando, será que a Eucaristia continua a dar-lhe sentido? Tenho lido muitos livros acerca da Eucaristia. Foram escritos há dez, vinte, trinta ou até quarenta anos. Embora contenham ideias inspiradas muito profundas, já não me ajudam a

experimentar a Eucaristia como o centro da minha vida. Atualmente, antigas interrogações voltam a fazer-se sentir: como pode toda a minha vida ser eucarística, e como pode a celebração quotidiana da Eucaristia ajudar nesse sentido? Tenho de ser eu a encontrar resposta para a minha própria interrogação. Sem essa resposta, a Eucaristia pode transformar-se em pouco mais do que uma bela tradição.

Este livrinho encerra uma tentativa de falar a mim próprio e aos meus amigos acerca da Eucaristia e de tecer uma rede de ligações entre a celebração diária da Eucaristia e a nossa experiência humana quotidiana. Entramos, em cada celebração, de coração contrito e rezamos o Kyrie Eleyson. Escutamos a Palavra — leituras da Escritura e a homilia — professamos a nossa fé, oferecemos a Deus os frutos da terra e do trabalho do homem e recebemos de Deus o Corpo e o Sangue de Jesus; finalmente, somos enviados ao mundo com a missão de renovarmos a face da terra. O acontecimento da Eucaristia revela as experiências humanas mais profundas, as experiências de tristeza, atenção, convite, intimidade e empenhamento. Ele resume a vida que somos chamados a viver em Nome de Deus. Só quando reconhecermos a abundante rede de ligações entre a Eucaristia e a nossa vida no mundo poderá a Eucaristia ser «mundana» e a nossa vida «eucarística».

Como base das minhas reflexões sobre a Eucaristia e a vida eucarística, utilizarei a história dos dois discípulos que percorreram a estrada de Jerusalém para Emaús e vice-versa. Como esta história fala de perda, presença, convite, comunhão e missão, abarca os cinco aspetos principais da celebração eucarística.

Juntos eles formam um movimento, o movimento do ressentimento à gratidão, ou seja, de um coração endurecido a um coração agradecido. Enquanto a Eucaristia exprime este movimento espiritual de forma muito sucinta, pela vida eucarística somos convidados a experimentar e afirmar este movimento, em cada momento da nossa existência quotidiana. Neste pequeno livro, espero desenvolver os cinco passos desse movimento desde o ressentimento até à gratidão de tal modo que se torne claro que aquilo que celebramos e aquilo que somos chamados a viver é, essencialmente, uma única e a mesma coisa.

NO CAMINHO DE EMAÚS

Do Evangelho de São Luca (24, 13-35)

Nesse mesmo dia, dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de duas léguas de Jerusalém; e conversavam entre si sobre tudo o que acontecera. Enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer. Disse-lhes Ele: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Pararam entristecidos.

E um deles, chamado Cléofas, respondeu: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou nestes dias!» Perguntou-lhes Ele: «Que foi?» Responderam-lhe: «O que se refere a Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; como os sumos sacerdotes e os nossos chefes o entregaram, para ser condenado à morte e crucificado. Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas. É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram perturbados, porque foram ao sepulcro de madrugada e, não achando o seu corpo, vieram dizer que lhes apareceram uns anjos, que afirmavam que Ele vivia. Então, alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas, a Ele, não o viram.»

Jesus disse-lhes, então: «Ó homens sem inteligência e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram! Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?» E, começando por Moisés e seguindo por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que lhe dizia respeito.

Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. Os outros, porém, insistiam com Ele, dizendo: «Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso.» Entrou para ficar com eles. E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença.

Disseram, então, um ao outro: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém e encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros, que lhes disseram: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!» E eles contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir o pão. (Lc 24, 13-35)

CHORANDO AS NOSSAS PERDAS

- «*Senhor; tende piedade de nós*»

Dois homens caminham lado a lado. Vê-se, pela sua postura, que não estão felizes. Caminham de ombros encurvados, cabisbaixos, movendo-se com lentidão. Nem sequer olham um para o outro. De vez em quando proferem uma palavra, mas as suas palavras não se dirigem um ao outro: dissipam-se no ar, quais sons inúteis. Embora sigam o caminho que estão a percorrer, parecem não ter destino. Regressam a casa, mas a sua casa deixou de o ser. Eles, Simplesmente, não têm outro lugar para onde ir. A sua casa transformou-se em vazio, em desilusão e desespero.

Mal conseguem imaginar que ainda há poucos anos tinham encontrado alguém que mudara as suas vidas, alguém que interrompera de forma radical as suas rotinas diárias e imprimira uma nova vitalidade a cada parte da sua existência. Tinha deixado a sua aldeia, seguindo aquele estranho e os seus amigos, e tinham descoberto uma realidade completamente nova, oculta por detrás do véu das suas atividades correntes — uma realidade em que o perdão, a cura e o amor tinham deixado de ser meras palavras para se transformarem em poderes que tocavam o próprio âmago da sua humanidade. O estranho de Nazaré tornara tudo novo. Transformara-os em pessoas para quem o mundo já não era uma carga, mas um desafio, já não era um campo coberto de armadilhas, mas um lugar cheio de oportunidades infundáveis. Trouxera alegria e paz à sua experiência quotidiana. Transformara a vida de ambos numa festa!

Agora estava morto. O seu corpo, que outrora irradiara luz, fora destruído às mãos dos seus torturadores. Os seus membros tinham sido dilacerados pelos instrumentos de violência e ódio, os seus olhos tinham-se tornado buracos vazios, as suas mãos tinham perdido a força e, os seus pés, a firmeza. Ele tornara-se um ninguém num mundo de ninguém. Tudo ficara reduzido a nada. Tinha-no perdido. Não só a ele, mas também a SI próprios, com ele. A energia que preencherá os seus dias e as suas noites tinha-os abandonado completamente. Agora não passavam de dois seres humanos perdidos, que regressavam a casa sem terem casa, que regressavam àquilo que passara a ser apenas uma recordação tenebrosa.

Sob muitos aspetos, nós também somos como eles. Sabemo-lo quando ousamos olhar para o centro do nosso ser e encontramos aí a nossa perdição. Porventura, não estamos perdidos, como eles?

Se há alguma palavra que resuma bem a nossa dor, é a palavra «perda». Já perdemos tanta coisa! Por vezes, até parece que a vida não passa de uma longa série de perdas. Quando nascemos, perdemos a segurança do ventre

materno; quando fomos para a escola, perdemos a segurança da nossa vida familiar; quando arranjámos o nosso primeiro emprego, perdemos a liberdade da juventude; quando nos casámos ou fomos ordenados, perdemos a alegria de muitas possibilidades de opção; por fim, quando envelhecemos, perdemos a nossa boa aparência, os nossos velhos amigos ou a nossa reputação. Quando nos tornamos débeis ou adoecemos, perdemos a nossa independência física e, quando morremos, perdemos absolutamente tudo! E todas estas perdas fazem parte da nossa vida normal! Mas, afinal, quem tem uma vida normal? As perdas que se instalam profundamente no nosso coração e na nossa mente são a perda de intimidade devido a separações, a perda de segurança devido à violência, a perda de inocência devido a abusos, a perda de amigos devido a traições, a perda de amor através do abandono, a perda de casa devido à guerra, a perda de bem-estar devido à fome, ao calor ou ao frio, a perda de filhos devido a doenças ou acidentes, a perda de pátria devido a sublevações políticas, e a perda de vida devido a terremotos, inundações, quedas de aviões, bombardeamentos e doenças.

É possível que muitas destas trágicas perdas estejam a anos-luz da maior parte de nós; talvez pertençam ao mundo dos jornais e dos ecrãs de televisão, mas ninguém pode escapar às perdas agonizantes que fazem parte da nossa existência quotidiana — a perda dos nossos sonhos. Durante tanto tempo pensámos em nós como pessoas de sucesso, queridas e profundamente amadas. Desejávamos uma vida de generosidade, de serviço e de autossacrifício. Ansiávamos por ter um coração de perdão, por ser pessoas carinhosas e amáveis para com todos. Tínhamos uma visão de nós mesmos como reconciliadores e construtores de paz. Contudo, acabámos por perder o nosso sonho — e nem sequer sabemos como isso aconteceu. Tornámo-nos pessoas preocupadas e ansiosas, agarrando-nos às poucas coisas que conseguimos amealhar e trocando, umas com as outras, notícias dos escândalos políticos, sociais e eclesiásticos da ordem do dia. É esta falta de espírito que, muitas vezes, mais nos custa reconhecer e confessar.

No entanto, para lá de tudo isto, encontra-se a falta de fé — a perda de convicção de que a nossa vida tem sentido. Durante algum tempo, conseguimos aguentar as nossas perdas e até vivê-las com fortaleza e perseverança, porque as vivíamos como perdas capazes de nos aproximar mais de Deus. A dor e o sofrimento da vida eram suportáveis porque nós os vivíamos como formas de testar a nossa força de vontade e de aprofundar a nossa convicção. Contudo, à medida que vamos envelhecendo, vamos descobrindo que aquilo que nos sustentou durante tantos anos — a oração, o culto, os sacramentos, a vida em comunidade e um conhecimento claro do amor de Deus, que conduzia a nossa vida — já não tem a força antiga.

Ideias longamente acarinhadas, disciplinas longamente praticadas e costumes longamente arraigados de celebrar a vida já não conseguem aquecer os nossos corações, e nós já não conseguimos entender o como e o porquê da nossa antiga motivação. Recordamos o tempo em que Jesus era tão real para nós, que não tínhamos qualquer dúvida acerca da sua presença nas nossas vidas. Ele era o nosso amigo mais íntimo, o nosso conselheiro e guia. Ele reconfortava-nos, transmitindo-nos coragem e confiança. Nós sentíamos-lo, saboreávamo-lo e tocávamos-lhe. E agora? Já não pensamos muito nele, já não desejamos passar longas horas na sua presença. Já não nutrimos aqueles sentimentos especiais por Ele. Chegamos mesmo a interrogar-nos se Cristo não será apenas uma figura extraída de um livro de histórias. Muitos dos nossos amigos riem-se dele, troçam do seu nome ou ignoram-no simplesmente. Pouco a pouco, chegámos à conclusão de que Jesus também se tornou um estranho para nós — em certo sentido, também nós o perdemos.

Não estou a tentar sugerir que todas estas perdas atingirão a vida de cada um de nós. No entanto, enquanto caminhamos juntos e nos ouvimos uns aos outros, depressa descobrimos que muitas — se não a maior parte — dessas perdas fazem parte da caminhada, da nossa caminhada, da caminhada dos nossos companheiros.

Que fazer das nossas perdas? Eis a primeira questão com que nos confrontamos. Estaremos a ocultá-las? Porventura vamos passar a viver como se elas não fossem reais? Vamos mantê-las afastadas dos nossos companheiros de viagem? Porventura vamos convencer-nos a nós próprios ou aos outros de que as nossas perdas são pequenas comparadas com os nossos ganhos? Porventura vamos tentar responsabilizar alguém? Na verdade, estamos quase sempre a fazer todas estas coisas, mas há ainda outra possibilidade: a possibilidade de chorar. Sim, devemos chorar as nossas perdas. Não podemos afugentá-las mediante palavras ou actos, mas podemos derramar lágrimas sobre elas, entregando-nos ao nosso profundo desgosto. Entregarmo-nos ao desgosto significa deixar que as nossas perdas desfaçam os nossos sentimentos de segurança e nos conduzam à dolorosa verdade da nossa fragilidade. C) nosso desgosto faz-nos experimentar o abismo da nossa própria vida, em que nada é firme, claro ou óbvio, em que tudo se encontra em constante mudança e transformação.

E, ao sentirmos a dor das nossas perdas pessoais, os nossos corações desgostosos abrem o seu olhar interior sobre um mundo em que as perdas sofridas ultrapassam em muito o nosso pequeno mundo da família, dos amigos e dos colegas. É o mundo dos prisioneiros, dos refugiados, dos doentes com SIDA, das crianças que morrem de fome, e dos inúmeros seres humanos que vivem num medo constante. Então, a dor do nosso

coração que chora ligar-nos-á aos gemidos e lamentações da humanidade sofredora. Então, as nossas lágrimas tornar-se-ão maiores do que nós.

Contudo, no meio de toda esta dor, ouve-se uma voz estranha e chocante que nos enche de surpresa. a voz daquele que diz: «Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.» Eis a notícia inesperada: há uma bênção escondida no fundo do nosso desgosto.

Não são bem-aventurados aqueles que consolam, mas os que choram! Afinal, há um dom oculto no meio das nossas lágrimas. Começam a dar-se os primeiros passos de dança no fundo do nosso desgosto. Em certo sentido, os gritos que se elevam das nossas perdas pertencem aos nossos cânticos de gratidão.

Acorremos à Eucaristia com o coração despedaçado por muitas perdas, tanto as nossas como as do mundo. Tal como os dois discípulos que regressavam à sua aldeia, também nós dizemos: «Esperávamos... mas perdemos a esperança. A esperança deu lugar à tortura e à morte.» As nossas cabeças já não estão eretas, na expectativa, mas «descaídas», de olhar fixo no chão.

É assim que começa a caminhada. A questão é se as nossas perdas conduzem ao ressentimento ou à gratidão. O ressentimento é uma opção real. Muitos seguem por ele. Quando somos atingidos por perda atrás de perda, é muito fácil ficarmos desiludidos, zangados, amargurados e cada vez mais ressentidos. Quanto mais velhos nos tornamos, maior é a tentação de dizermos: «A vida enganou-me. Não há futuro para mim. Já não tenho nada a esperar. A única coisa a fazer é defender o pouco que me resta, para que não venha a perder tudo.» O ressentimento é urna das forças mais destrutivas da nossa Vida. É uma zanga fria que se instalou no âmago do nosso ser, endurecendo o nosso coração. O ressentimento pode tornar-se uma forma de vida que invade todas as nossas palavras e ações, impedindo-nos de o reconhecermos como tal.

Muitas vezes Interrogo-me como viveria se não houvesse qualquer tipo de ressentimento no meu coração. Estou tão habituado a conversar sobre pessoas de quem não gosto, a guardar recordações de acontecimentos que me provocaram muita dor, ou a agir com desconfiança e medo, que não sei como seria se eu não tivesse motivos de queixa e ninguém com quem me pegar! O meu coração ainda tem muitos recantos onde se ocultam os meus ressentimentos, e eu interrogo-me se realmente quererei viver sem eles. Que faria eu sem esses ressentimentos? E há muitos momentos na vida em que tenho a oportunidade de os alimentar. Antes do pequeno-almoço, dia após dia, já tive muitos sentimentos de desconfiança e ciúme e muitos pensamentos acerca de pessoas que prefiro evitar, e já fiz muitos planos para viver o meu dia na defensiva.

Interrogo-me se haverá alguém que não tenha ressentimentos. O ressentimento é uma reação tão óbvia às nossas Inúmeras perdas! A tragédia é que grande parte (IO ressentimento está oculto no interior da Igreja. esse um dos aspetos mais paralisantes da comunidade cristã.

Contudo, a Eucaristia apresenta ainda outra opção. É a possibilidade de escolhermos, não o ressentimento, mas a gratidão. Chorar as nossas perdas é o primeiro passo para nos afastarmos do ressentimento e nos aproximarmos da gratidão. As lágrimas do nosso desgosto são capazes de amaciar os nossos corações endurecidos e de nos abrir à possibilidade de dizer «obrigado».

A palavra «Eucaristia» significa literalmente «ação de graças». Celebrar a Eucaristia e viver a vida eucarística tem tudo a ver com gratidão. Viver de forma eucarística é viver a vida como um dom, um dom pelo qual estamos gratos. A gratidão, porém, não é a reação mais óbvia à vida, e certamente não o é quando experimentamos a vida como uma série de perdas! No entanto, o grande mistério que celebramos na Eucaristia e que vivemos na vida eucarística consiste precisamente em que, chorando as nossas perdas, aprendemos a conhecer a vida como um dom. A beleza e o carácter precioso da vida estão intimamente ligados à sua fragilidade e mortalidade. Podemos experimentá-lo diariamente — quando apanhamos uma flor, quando vemos uma borboleta a dançar no ar, quando acariciamos um bebé pequenino. A fragilidade e o carácter de dom estão ambos presentes, e a nossa alegria está associada a cada um deles.

Cada Eucaristia começa com um grito, implorando piedade a Deus. Não haverá provavelmente nenhuma oração na história do Cristianismo que tenha sido rezada com tanta frequência e intimidade como a oração «Senhor, tende piedade de nós». É a oração que não só se destaca no Início de todas as liturgias eucarísticas ocidentais, mas que também ressoa como grito que perpassa todas as liturgias orientais. Senhor, tende piedade de nós, Kyrie Eleison, É o grito do povo de Deus, o grito de pessoas com um coração contrito.

Este grito pedindo piedade só é possível quando estamos dispostos a confessar que, de certo modo, algures, no interior do nosso ser, nós próprios temos qualquer coisa a ver com as nossas perdas. Implorar piedade é um reconhecimento de que acusar Deus, o mundo ou os outros das nossas perdas não faz justiça plena à nossa verdadeira identidade. No momento em que assim imploramos, estamos dispostos a assumir a responsabilidade, até mesmo pela dor que não causámos diretamente; a acusação converte-se então em reconhecimento do nosso próprio papel no âmbito da fragilidade humana.

A oração implorando piedade a Deus brota de um coração que sabe que a sua fragilidade humana não é uma condição fatal da qual nos tornamos as infelizes vítimas, mas o fruto amargo da opção humana ao dizer «Não» ao amor. Os discípulos que regressavam à sua casa de Emaús estavam tristes porque tinham perdido aquele em quem tinham colocado toda a sua esperança, mas também estavam profundamente conscientes de que os seus próprios chefes o tinham crucificado. Percebiam, até certo ponto, que o seu desgosto estava associado ao mal, a um mal que eles também reconheciam no seu próprio coração.

Celebrar a Eucaristia requer de nós que vivamos no mundo aceitando a nossa coresponsabilidade no mal que nos rodeia e invade. Enquanto nos mantivermos agarrados às nossas queixas, acerca da época terrível em que vivemos e das situações desastrosas que temos de suportar, e do destino catastrófico que nos espera, nunca poderemos chegar à contrição. E a contrição só pode brotar de um coração contrito. Quando as nossas perdas são puro destino, os nossos ganhos são pura sorte! O destino não conduz à contrição, nem a sorte à gratidão.

De facto, os conflitos da nossa vida pessoal, bem como os conflitos à escala regional, nacional ou mundial, são os «nossos» conflitos, e só assumindo a responsabilidade por eles poderemos ultrapassá-los — optando por uma vida de perdão, paz e amor.

O Kyrie Eleison — Senhor, tende piedade — tem de emergir de um coração contrito. Contrastando com um coração endurecido, o coração contrito é um coração que não acusa os outros, mas que reconhece a sua quota-parte no pecado do mundo, predispondo-se assim a receber a misericórdia de Deus.

Ainda me lembro de uma noite de meditação na televisão holandesa, durante a qual o orador derramou água sobre terra dura e ressequida, dizendo: «Reparem, o solo não pode receber a água, por isso as sementes não podem crescer.» Em seguida, depois de ter esboroadado a terra com as mãos e voltado a regá-la com água, acrescentou: «Só a terra desfeita pode receber a água e deixar que as sementes cresçam e deem fruto.» Depois de ter visto este programa, compreendi o que significava começar a Eucaristia com um coração contrito, um coração «esboroadado», aberto para receber a água da graça de Deus.

Mas como é possível dar início a uma celebração de ação de graças com o coração despedaçado? Será que o reconhecimento da nossa condição de pecadores e a consciência da nossa coresponsabilidade pelo mal do mundo não nos deixa paralisados? Porventura uma verdadeira confissão dos nossos pecados não é demasiado debilitante? É, sim! Mas nenhum pecado pode ser enfrentado sem um certo conhecimento da graça. Nenhuma perda pode ser

chorada sem uma certa intuição de que acabaremos por encontrar uma nova vida.

Quando os discípulos que se dirigiam para Emaús revelaram a grande perda que tinham sofrido, também contaram aquela história tão estranha acerca das mulheres que tinham encontrado o sepulcro vazio e a quem tinham aparecido anjos. Contudo, mostravam-se céticos e desconfiados. Não fora ele crucificado há vários dias? Não chegara tudo ao seu termo? Porventura o mal não acabara por vencer? Que pensar, então, do que diziam as mulheres, garantindo que ele estava vivo? Quem poderia tomá-las a sério? Mais uma vez, porém, os dois homens tiveram de acrescentar: «Alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito, mas a Ele, não o viram!»

É assim que nós, geralmente, nos aproximamos da Eucaristia, com uma estranha mistura de desespero e esperança. Uma parte de nós, olhando para a nossa própria vida e para as vidas dos que vivem à nossa volta, tem vontade de dizer: «Mais vale pôr uma pedra no assunto»; tudo se dissipou como um sonho. Oh, claro, nós esperávamos um mundo melhor, imaginávamos uma nova comunidade de amor e sonhávamos com um tempo em que toda a gente poderia viver junta e em paz. A verdade, porém, é completamente diferente. Agora sabemos que tudo isso pouco mais era do que uma ilusão. C) nosso temperamento Imutável e os nossos maus hábitos persistentes, os nossos ciúmes e ressentimentos, os nossos momentos de ira e desejos de vingança, a nossa violência incontrolável, os inúmeros sinais de crueldade humana, os crimes, a tortura, as guerras, as explorações — tudo isso nos despertou, sem dúvida nenhuma, para a amarga verdade de que a nossa Juvenil esperança foi crucificada.

No entanto, porém... as outras histórias mantêm-se e continuam a aparecer. Histórias de algumas pessoas que veem as coisas de maneira diferente, histórias de gestos de perdão e cura, histórias de bondade, beleza e verdade. E, à medida que vamos escutando com atenção as vozes mais profundas do nosso coração, apercebemo-nos que, por baixo do nosso ceticismo e cinismo, há um anseio de amor, de unidade e comunhão que não se dissipa, mesmo que continuem a levantar-se muitos argumentos, tentando afastá-los como nostalgia sentimental da nossa infância.

«Senhor, tem piedade, Senhor, tem piedade, Senhor, tem piedade.» E esta a oração que continua a emergir da profundidade do nosso ser e a atravessar as paredes do nosso cinismo. Sim, nós somos pecadores, pecadores incorrigíveis; tudo se perdeu e já nada resta dos nossos sonhos e esperanças. Contudo, ouve-se uma voz: «Basta-te a minha graça!» e voltamos a clamar, pedindo a cura do nosso coração tão cínico, atrevendo-nos a acreditar que, de facto, no meio do nosso luto, ainda conseguimos

encontrar um dom que suscite em nós gratidão. No entanto, para chegarmos a essa descoberta, precisamos de um companheiro especial!

II - DISCERNINDO A PRESENÇA

- «Palavra do Senhor»

Enquanto os dois caminhantes regressam a casa chorando a sua perda, Jesus aparece e começa a caminhar a seu lado, mas os olhos de ambos estão impedidos de o reconhecer. De repente, já não são duas, mas três pessoas a caminhar, e tudo se torna diferente. Os dois amigos já não têm os olhos fixos no chão diante deles, agora fixam o olhar daquele estranho que se juntou a eles no caminho, e lhes pergunta: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Nota-se nos amigos um certo espanto, ou até indignação: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a Ignorar o que lá se passou nestes dias!» Segue-se depois um longo relato: o relato da perda, o relato de notícias assombrosas acerca de um túmulo vazio. Apareceu por fim alguém desejoso de escutar, alguém disposto a escutar as palavras de desilusão, tristeza e confusão absoluta dos dois amigos. Nada parece fazer sentido. Mas é preferível falar com um estranho do que repisarem continuamente os factos conhecidos de ambos.

Então, acontece qualquer coisa! Há qualquer coisa que muda. O estranho começa a falar, e as suas palavras suscitam neles um sério Interesse. Primeiro, fora Ele que os escutara; agora tinham-se invertido as posições. As suas palavras eram muito claras e diretas. Falava de coisas que eles já sabiam: o seu longo passado, referindo o que sucedera durante os séculos anteriores ao seu próprio nascimento, a história de Moisés, que conduziu o seu povo para a liberdade, e a história dos profetas, que desafiavam o povo a nunca deixar perder a liberdade gozosamente adquirida. Era uma história que eles bem conheciam. Contudo, parece que estavam a ouvi-la pela primeira vez.

A diferença residia no narrador! Um estranho, surgido do nada, mas que, no entanto, sem eles perceberem como, parecia mais próximo do que qualquer pessoa que com eles tivesse comentado os factos ocorridos. A perda, o desgosto, os sentimentos de culpa, o medo, os breves clarões de esperança, e as muitas perguntas por responder que disputavam a atenção das suas mentes inquietas, tudo isso foi ateadado por aquele estranho, e inserido no contexto de uma história muito mais extensa do que a deles. O que parecera tão confuso começava a apresentar-lhes novos horizontes; o que parecera tão opressivo começava a revelar-se libertador; o que parecera fonte de tristeza tão imensa começava a assumir a qualidade de alegria! Enquanto aquele homem conversava com eles, os dois discípulos começaram gradualmente a aperceber-se que as suas pequenas vidas não eram tão pequenas como eles pensavam, mas faziam parte de um grande

mistério que não só abarcava muitas gerações, mas que se estendia de um lado ao outro da eternidade.

O estranho não dissera que não havia razões para estarem tristes, mas que a sua tristeza fazia parte de uma tristeza mais vasta que encerrava em SI a alegria. Aquele estranho não dissera que a morte que eles choravam não era real, mas que era uma morte que dava início a uma vida ainda maior — à verdadeira vida. O estranho não dissera que eles não tinham perdido um amigo que lhes transmitira uma nova coragem e uma nova esperança, mas que aquela perda abriria caminho para uma relação muito superior a qualquer tipo de amizade que eles jamais tivessem experimentado. O estranho nunca negara o que eles lhe contaram. Pelo contrário, afirmara que isso fazia parte de um acontecimento muito mais vasto, em que lhes seria dado desempenhar um papel verdadeiramente único.

No entanto, aquela conversa não puxara ao sentimento. Aquele estranho era um homem forte, direto, nada sentimentalista. Não lhes trouxera consolações fáceis. Até lhes parecia que Ele trespassava as suas lamentações com uma verdade que eles próprios teriam preferido desconhecer. Com efeito, as queixas contínuas são mais atraentes do que o confronto com a realidade. O estranho, porém, não tivera medo nenhum de penetrar as defesas de ambos e de os chamar a ultrapassar a sua estreiteza de mente e coração.

«Oh homens sem inteligência e lentos de espírito para crer», dissera Ele. Estas palavras atingem diretamente o coração dos dois caminhantes. «Homens sem inteligência» são palavras duras, palavras que nos ofendem e põem na defensiva. Mas que também podem abrir uma brecha no medo e no amor-próprio e conduzir-nos a um conhecimento completamente novo do ser humano. É uma chamada a despertar, um rasgar de persianas, um derrubar de defesas completamente inúteis. Homens sem inteligência, vocês não veem — não ouvem — não sabem? Têm estado de olhos fixos num pequeno arbusto, sem se aperceberem que estão no cimo de uma montanha que vos oferece uma vista panorâmica que abarca o mundo inteiro. Fixando o olhar num obstáculo do caminho, nem sequer se apercebem que esse obstáculo foi aí colocado para vos mostrar o caminho certo. Enquanto se lamentam das vossas perdas, não se apercebem que essas perdas se deram para vos tornar capazes de receber o dom da vida.

O estranho tivera de lhes chamar «homens sem inteligência» para os fazer ver. E qual é o desafio que lhes lança? Confiar. Eles não confiavam que a sua experiência fosse mais do que a experiência de uma perda irremediável. Não confiavam que houvesse mais qualquer coisa a fazer do que regressar a casa e retomar a sua forma antiga de viver. «Homens sem inteligência... lentos de espírito para crer.» Lentos para crer; lentos para confiar no esquema mais vasto das coisas; lentos para saltar por cima das suas

inúmeras queixas e descobrir o vasto espectro de novas oportunidades; lentos para ultrapassar as dores do momento e para as ver como parte de um processo de cura muito mais amplo.

Esta lentidão não é uma lentidão inocente, pois pode fazer-nos cair na armadilha das nossas queixas e da nossa estreiteza de pensamento. É a lentidão que pode impedir-nos de descobrir a paisagem em que vivemos. É muito possível que cheguemos ao fim da nossa vida sem nunca termos sabido quem somos e nem para que fomos criados. A vida é curta. Não podemos limitar-nos a esperar que o pouco que vemos, ouvimos e experimentamos nos revele a totalidade da nossa existência. Temos a vista demasiado curta e somos demasiado duros de ouvido para que isso seja possível. Alguém tem de abrir os nossos olhos e os nossos ouvidos, ajudando-nos a descobrir o que se encontra para lá da nossa própria percepção. Alguém tem de incendiar o nosso coração!

Jesus junta-se a nós enquanto caminhamos, cheios de tristeza, e explica-nos as escrituras. Contudo, nós não sabemos que se trata de Jesus. Pensamos que Ele é um estranho menos informado do que nós acerca daquilo que se está a passar nas nossas vidas. E, contudo — nós sabemos qualquer coisa, pressentimos qualquer coisa, intuímos qualquer coisa: o nosso coração começa a arder. No preciso momento em que Ele está connosco, não conseguimos entender plenamente o que está a acontecer. Não podemos comentá-lo uns com os outros. Mais tarde, sim, mais tarde, quando tudo tiver acabado, pode ser que possamos dizer: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» Contudo, enquanto Ele caminha ao nosso lado, a proximidade é demasiado grande para que possamos refletir.

É com essa misteriosa presença que o «serviço da Palavra», durante cada Eucaristia, pretende fazer-nos entrar em contacto, e é essa mesma presença misteriosa que nos é constantemente revelada, enquanto vivemos a nossa vida de forma eucarística. As leituras do Antigo e do Novo Testamento e a homilia que se segue às mesmas são-nos dadas para discernirmos a presença de Jesus enquanto Ele caminha ao nosso lado, na nossa tristeza. Cada dia tem leituras diferentes; cada dia ouvimos uma palavra distinta de explicação ou exortação. Cada dia há certas palavras que nos acompanham. Nós não podemos viver sem palavras provenientes de Deus, palavras capazes de nos arrancar da nossa tristeza e de nos elevar até um lugar a partir do qual possamos descobrir aquilo que estamos verdadeiramente a viver.

É importante saber que, embora essas palavras, proclamadas ou faladas, sirvam para nos informar, instruir ou inspirar, o seu primeiro significado é que elas tornam o próprio Jesus presente para nós. Durante a nossa caminhada, Jesus explica-nos as passagens que se referem à sua Pessoa.

Quer leiamos o livro do Êxodo, dos Salmos, dos Profetas ou dos Evangelhos, a sua única razão de ser é fazer arder o nosso coração. A presença eucarística é, primeiro que tudo, uma presença através da palavra. Sem essa presença através da palavra, nunca seríamos capazes de reconhecer a sua presença ao partir do pão.

Nós vivemos num mundo em que as palavras pouco valem. As palavras parecem afogar-nos: em anúncios, cartazes e sinais de trânsito, em panfletos, opúsculos e livros, quadros utilizados por professores e conferencistas, projetores de imagens, ecrãs e painéis de notícias. As palavras movem-se, piscam, giram e aumentam de tamanho, tornam-se mais gordas e brilhantes. São-nos apresentadas em todas as dimensões e cores — mas, por fim, nós concluimos: «Bem, não passam de palavras.» À medida que foram aumentando em número, as palavras foram perdendo o seu valor. O seu valor principal parece ser informativo. As palavras informam-nos. Nós precisamos de palavras para sabermos o que devemos fazer e como devemos fazê-lo, aonde ir e como chegar lá.

Não é de admirar, portanto, que as palavras da Eucaristia sejam escutadas sobretudo como palavras que nos informam. Contam-nos uma história, instruem-nos, admoestam-nos. Como a maior parte de nós já ouviu essas palavras, elas poucas vezes nos tocam profundamente. Muitas vezes, mal lhes prestamos atenção; tornaram-se demasiado familiares. Já não esperamos que nos surpreendam ou comovam. Escutamolas como se fossem a «mesma história de sempre» — quer sejam lidas de um livro, quer proclamadas do púlpito.

A tragédia é que, assim, a palavra perde a sua qualidade sacramental. A Palavra de Deus é sacramental. Isto significa que é sagrada e que, como palavra sagrada, torna presente aquilo que proclama. Quando Jesus falou aos dois infelizes caminhantes e lhes explicou as palavras das escrituras que a Ele se referiam, os seus corações começaram a arder, ou seja, eles experimentaram a presença do Senhor. Ao falar da sua Pessoa, Jesus tornou-se presente para eles. Com as suas palavras, Jesus fez muito mais do que fazê-los simplesmente pensar nele, ou instruí-los acerca de si próprio, ou Inspirá-los com a sua recordação. Através das suas palavras, Jesus tornou-se realmente presente para eles. É isso que queremos dizer ao referirmo-nos à qualidade sacramental da palavra. A palavra cria aquilo que exprime. A Palavra de Deus é sempre sacramental. No livro do Génesis, lemos que Deus criou o mundo, mas, em hebraico, «falar» e «criar» é precisamente a mesma palavra. Se fizéssemos uma tradução à letra, seria «Deus falou a luz e a luz foi». Para Deus, falar é criar. Quando dizemos que a Palavra de Deus é sagrada, queremos dizer que a Palavra de Deus está cheia da presença de Deus. NO caminho de Emaús, Jesus tornou-se presente através da sua palavra, e foi essa presença que transformou a

tristeza em alegria e o luto em dança. É isso que acontece em cada Eucaristia. A palavra proclamada e falada pretende conduzir-nos à presença de Deus e transformar o nosso coração e a nossa mente. Muitas vezes, pensamos na palavra como uma exortação que nos convida a sair e a mudar a nossa vida. Contudo, o poder total da palavra reside, não na forma como a aplicamos à nossa vida depois de a termos ouvido, mas no seu poder transformador que faz o seu trabalho divino enquanto a escutamos.

Os Evangelhos estão cheios de exemplos da presença de Deus na Palavra. Pessoalmente, sinto-me Sempre tocado pelo episódio de Jesus na sinagoga de Nazaré, quando ele proclamou uma passagem de Isaías: que está escrito:

«O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres;
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista;
a mandar em liberdade os oprimidos,
a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.» (Lucas 4, 18-19)

Depois de ter lido estas palavras, Jesus exclamou: «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.» De repente, torna-se claro que os pobres, os cativos, os cegos e os oprimidos não são pessoas de fora da sinagoga que, um dia, serão libertados; são as pessoas que estão a escutar Jesus. E é pela escuta que Deus se torna presente e cura.

A Palavra de Deus não é uma palavra a aplicar à nossa vida quotidiana um dia mais tarde; é uma palavra que nos cura através da escuta e enquanto a escutamos, aqui e agora.

Levantam-se, portanto, as seguintes interrogações: Como é que Deus vem a mim quando eu escuto a palavra? Onde posso discernir a mão curativa de Deus a tocar-me através da palavra? Como é que a minha tristeza o meu sofrimento e o meu luto estão a ser transformados neste preciso momento? Porventura sinto o fogo do amor de Deus a purificar o meu coração e a dar-me uma nova vida? Estas interrogações conduzem-me ao sacramento da palavra, ao lugar sagrado da presença real de Deus.

Ao princípio isto pode parecer uma verdadeira novidade para uma pessoa que viva numa sociedade em que o valor principal da palavra é a sua aplicabilidade. No entanto, a maior parte de nós já conhece, de um modo geral, de forma inconsciente, o poder curativo e destruidor da palavra falada. Quando alguém me diz «Eu amo-te», ou «Eu detesto-te», eu não estou a receber apenas algumas informações úteis. Essas palavras fazem qualquer coisa em mim. Fazem o meu sangue circular, o meu coração bater

e a minha respiração acelerar. Fazem-me sentir e pensar de forma diferente. Elevam-me a uma nova forma de ser e dão-me outro conhecimento de mim próprio. Estas palavras têm o poder de me curar ou de me destruir.

Quando Jesus se junta a nós no caminho e nos explica as Escrituras, devemos escutar com todo o nosso ser, confiando que a palavra que nos criou também nos vai curar. Deus quer tornar-se presente para nós e assim transformar os nossos corações temerosos.

A qualidade sacramental da palavra torna Deus presente, não só como uma íntima presença pessoal, mas também como uma presença que nos oferece um lugar na grande história da salvação. O Deus que se torna presente para nós não é apenas o Deus do nosso coração, mas também o Deus de Abraão e Sara, Isaac e Rebeca, Jacob e Lia, o Deus de Isaías e Jeremias, o Deus de David e Salomão, o Deus de Pedro e Paulo, de S. Francisco e de Dorothy Day — o Deus cujo amor universal nos é revelado por Jesus, nosso companheiro de viagem.

A palavra da Eucaristia torna-nos parte integrante da grande história da nossa salvação. As nossas pequenas histórias são elevadas e integradas na grande história de Deus, onde lhes é oferecido o lugar único que lhes pertence. A palavra eleva-nos e faz-nos ver que a nossa vida diária e corrente é, de facto, uma vida sagrada que desempenha um papel necessário ao cumprimento das promessas de Deus. A palavra escrita e falada da Eucaristia permite-nos dizer, com Maria: «O Senhor pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas... como tinha prometido... a Abraão e à sua descendência para sempre.»

Aqui vemos que a Eucaristia, tal como a celebramos na sagrada liturgia, nos chama a uma vida eucarística, uma vida em que tomamos continuamente consciência do nosso papel na história sagrada da presença redentora de Deus, através de todas as gerações. A grande tentação da nossa vida é negar o nosso papel como pessoas escolhidas, deixando-nos assim enredar nas preocupações do dia-a-dia. Sem a palavra que, continuamente, nos eleva como pessoas eleitas de Deus, permanecemos, ou tornamo-nos, pessoas mesquinhas, enleadas nas lamentações que brotam da nossa luta quotidiana pela sobrevivência. Sem a palavra, que faz arder o nosso coração, pouco mais podemos fazer do que voltar para casa, resignados com o triste facto de que não há nada de novo debaixo do Sol. Sem a palavra, a nossa vida tem pouco sentido, pouca vitalidade e pouca energia. Sem a palavra, continuamos a ser pessoas mesquinhas, com interesses mesquinhos, que levam vidas mesquinhas e morrem de mortes mesquinhas. Sem a palavra, podemos ser tema de notícia nalgum jornal local ou até nacional por um ou dois dias, mas nenhuma geração nos chamarão bem-aventurados. Sem a palavra, as nossas dores e sofrimentos

isolados poderão extinguir o Espírito que nos habita e tornar-nos vítimas da amargura e do ressentimento.

Precisamos da palavra falada e explicada por aquele que se junta a nós no caminho e nos dá a conhecer a sua presença — uma presença que começa por se fazer sentir no nosso coração a arder. É esta presença que nos anima a libertarmo-nos do nosso coração endurecido e a enchermo-nos de gratidão. Como pessoas gratas, podemos convidar para a intimidade da nossa casa aquele que incendiou o nosso coração.

III - CONVIDANDO O ESTRANHO

- «*Eu creio*»

À medida que escutando aquele estranho, qualquer coisa muda no interior dos dois infelizes caminhantes. Não só começam a sentir uma nova esperança e uma nova alegria tocar-lhes o seu ser mais íntimo, mas a sua caminhada também se torna menos hesitante. O estranho transmitiu-lhes um novo sentido de orientação. «Regressar a casa» já não significa voltar para o único lugar que lhes resta no mundo. A sua casa passou a ser mais do que um abrigo necessário, uma casa onde podem ficar enquanto não souberem que mais hão-de fazer. O estranho deu um novo sentido à sua caminhada. Aquela casa vazia tornou-se lugar de acolhimento, lugar para receber convidados, lugar para continuar a conversa entabulada de forma tão inesperada.

Quando sentimos apenas as nossas perdas, tudo aquilo que nos rodeia nos fala delas. As árvores, as flores, as nuvens, os montes e os vales, tudo isso reflete a nossa tristeza, tudo isso parece chorar connosco. Se a nossa melhor amiga morreu, toda a natureza nos fala dela. O vento sussurra o seu nome, os ramos, cobertos de folhas, choram por ela, as dalias e os rododendros oferecem as suas pétalas para cobrir o seu corpo sem vida. Contudo, à medida que vamos caminhando com alguém ao nosso lado, abrindo o coração para a verdade misteriosa de que a morte da nossa amiga não foi apenas o fim mas também um novo começo, não foi apenas crueldade do destino, mas caminho necessário para a liberdade, não foi apenas uma destruição horrível e tenebrosa, mas sofrimento que conduz à glória, então poderemos ir discernindo gradualmente um cântico novo que perpassa toda a criação, e o regresso a casa corresponderá ao desejo mais profundo do nosso coração.

De todas as palavras que aquele estranho proferira, houve uma que ficou nitidamente gravada na mente dos caminhantes: «Glória.» «Não tinha o Messias de sofrer essas corsas», dissera ele, «para entrar na sua glória?» O coração e a mente de ambos ainda estavam tão cheios das imagens de morte e destruição... e eis que surge essa palavra. «Glória.» Não parecia condizer com os acontecimentos passados e, no entanto, proferida por aquele estranho, incendeia o coração dos caminhantes, fazendo-os ver aquilo que não tinham conseguido ver até então. Era como se até àquele momento eles só tivessem visto o estrume que cobria o solo, mas nunca os frutos das árvores adubadas pelo mesmo. Glória, luz, esplendor, beleza, verdade — tudo isto parecia tão irreal e fora do seu alcance! Agora, porém, ressoavam novas melodias no ar e novas tonalidades coloriam os campos.

C) regresso a casa tornara-se uma coisa boa. A nossa casa chama-nos. A casa é onde se encontra a mesa — a mesa à volta da qual nos sentamos, para comer e beber com os amigos.

E aquele estranho? Porventura não se tornou nosso amigo? Ele incendeia o nosso coração, e abre-nos os olhos e os ouvidos. Ele é o nosso companheiro de viagem! A nossa casa tornou-se um lugar bom onde podemos receber o amigo. Por isso, os dois caminantes exclamam: «Fica connosco, pois a norte vai caindo e o dia já está no ocaso.» O estranho não pede para ser convidado, não pede um lugar onde possa ficar. Na verdade, ele atua como se quisesse prosseguir viagem.

Contudo, os dois companheiros insistem para que ele entre, quase o obrigando a ficar com eles. O estranho acaba por aceitar e entra em casa para ficar com eles.

Talvez não estejamos habituados a pensar na Eucaristia como um convite feito a Jesus para ficar connosco. Estamos mais inclinados a pensar que é Jesus quem nos convida a partilhar a sua casa, a sua mesa, a sua refeição. Jesus, porém, quer ser convidado. Se não o for, prosseguirá viagem, em busca de outros lugares. É muito importante percebermos que Jesus nunca nos força a aceitar a sua presença. A menos que nós o convidemos, continuará a ser um estranho, possivelmente um estranho muito atraente e inteligente, com quem podemos ter entabulado um diálogo interessante, mas que não deixa de ser um estranho.

Mesmo depois de nos ter libertado de grande parte da nossa tristeza e de nos ter mostrado que a nossa vida não é tão pequena e mesquinha como pensávamos, Jesus pode continuar a ser alguém que encontramos durante a viagem, a pessoa notável que se nos atravessou no caminho e falou connosco durante algum tempo, a personalidade invulgar acerca da qual até podemos conversar com os nossos familiares e amigos.

Eu tenho muitas recordações de encontros com pessoas que me deixaram o coração a arder, mas que não convidei para minha casa. Por vezes, Isso acontece numa viagem de avião de longo curso, outras vezes, no comboio, outras vezes ainda, numa festa. Depois disso, eu costumo dizer aos meus amigos: «Deixa que te fale de alguém que conheci ontem. Era uma pessoa fascinante. Disse coisas tão extraordinárias que eu mal conseguia acreditar no que estava a ouvir. Até parecia que me conhecia intimamente. Sim, consegui ler os meus pensamentos e falou comigo como se me conhecesse há muito tempo. Era uma pessoa bastante especial, uma pessoa única, surpreendente até. Gostava muito que a conhecesses! Contudo, prosseguiu viagem... não sei para onde!»

Por muito interessantes, estimulantes e inspiradores que todos esses estranhos possam ser, se eu não os convido para minha casa, nada acontece

verdadeiramente. Podem transmitir-me algumas ideias novas, mas a minha vida continua a ser basicamente igual ao que já era. Sem um convite, que é expressão do desejo de uma relação perdurável, a boa notícia que ouvimos não poderá dar frutos duradouros. Continua a ser uma «notícia» entre tantos outros tipos de notícias que nos bombardeiam diariamente.

É uma das características da nossa sociedade contemporânea que os encontros, por muito bons que possam ser, não se transformam em relações de amizade profunda. Assim, a nossa vida está cheia de bons conselhos, de ideias úteis, de perspectivas maravilhosas, mas estes vêm simplesmente somar-se às muitas outras ideias e perspectivas que nos invadem, não conseguindo «empenhar-nos» na sua defesa. Numa sociedade com tão grande sobrecarga de informações, até os encontros mais significativos podem ser reduzidos a «uma corsa interessante», dentre muitas outras corsas interessantes.

Só mediante um convite a «fica comigo» um encontro interessante se pode transformar numa relação transformadora.

Um dos momentos mais decisivos da Eucaristia — e da nossa vida — é o momento do convite. Costumamos dizer: «Foi maravilhoso conhecê-lo, obrigado pelas suas ideias, pelos seus conselhos, pelo ânimo que me transmitiu. Espero que o resto da sua viagem corra bem. Adeus!», ou antes: «Ouvi as suas palavras, o meu coração está a mudar... por favor, venha a minha casa ver onde e como eu vivo!» Este convite a vir e ver é o convite que faz a verdadeira diferença.

Jesus é uma pessoa muito interessante; as suas palavras são cheias de sabedoria. A sua presença aquece o coração. A sua bondade e doçura tocam-nos profundamente. A sua mensagem constitui um forte desafio. Mas será que nós o convidamos para nossa casa? Porventura queremos que Ele venha conhecer-nos entre as paredes da nossa vida mais íntima? Porventura queremos apresentá-lo a todas as pessoas com quem vivemos? Porventura queremos que Ele nos veja na nossa vida quotidiana? Queremos que Ele nos toque nos pontos em que somos mais vulneráveis? Porventura queremos que Ele entre na arrecadação de nossa casa nessas divisões que nós próprios preferimos manter seguramente fechadas à chave? Desejamos verdadeiramente que Ele fique connosco quando var caindo a noite e o dia já está no ocaso?

A Eucaristia requer este convite. Tendo escutado a palavra de Jesus, a nossa reação deve ultrapassar o simples «Que interessante! Devemos atrever-nos a dizer: «Eu confio em ti, entrego-me a ti, com todo o meu ser, corpo, mente e espírito. Não quero esconder-te segredo algum. Podes ver tudo o que eu faço e ouvir tudo o que eu digo. Já não quero que sejas um estranho. Quero que te tornes o meu amigo mais íntimo. Quero que me

conheças, não só enquanto caminho pela estrada e converso com os meus companheiros de viagem, mas também quando me encontro sozinho com os meus sentimentos e pensamentos mais profundos. E, acima de tudo, quero chegar a conhecer-te, não só como meu companheiro de viagem, mas também como o companheiro da minha alma.»

Falar assim não é fácil, visto que somos pessoas temerosas, e que não abrimos facilmente todas as partes do nosso ser aos outros. O nosso medo de nos mostrarmos completamente abertos e vulneráveis é igual ao nosso desejo de conhecer e ser conhecidos.

Há certas partes do meu ser que até de mim próprio eu escondo! Há pensamentos, sentimentos e emoções tão perturbadores que prefiro viver como se eles não existissem.

Se eu não confio em mim próprio, como poderei confiar noutra pessoa? Contudo, o meu desejo mais profundo é amar e ser amado, e isso só é possível se eu estiver disposto a conhecer e ser conhecido.

Jesus revela-se a nós como o Bom Pastor que nos conhece intimamente e nos ama. Mas será que nós queremos ser conhecidos por Ele? Será que queremos que Ele entre livremente em cada divisão da nossa vida interior? Porventura queremos que Ele veja tanto o nosso lado mau como o bom, tanto a nossa sombra como a nossa luz? Ou será que preferimos que Ele parta sem entrar em nossa casa? Por fim, é esta a interrogação que se levanta: «Porventura confiamos realmente nele, abrindo-lhe todas as partes do nosso ser?»

Quando, depois das leituras e da homilia, proclamamos: «Creio em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, na Igreja Católica, na comunhão dos santos, no perdão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna», convidamos Jesus para a nossa casa, abrindo-nos ao seu Caminho.

Como um dos momentos da celebração eucarística e, ainda mais, da nossa vida eucarística, o Credo é muito mais do que um resumo da doutrina da Igreja. É uma profissão de fé. E a «Fé», como o demonstra a palavra grega *píam*, é um acto de confiança, é o grande «Sim». É dizer «Sim» a alguém que nos explicou as escrituras como escrituras que falam de si. E este profundo «Sim», não só às palavras que ele proferiu, mas também à pessoa que as proferiu, que finalmente nos faz sentar à mesa. Se formos capazes de dizer, «Sim, confiamos em ti e entregamos-te a nossa vida», estaremos a ultrapassar a simples caminhada na sua presença; atrevemo-nos a abrir-nos à comunhão com Ele.

Os dois amigos caminhantes convidam, ou antes, pressionam aquele estranho a ficar com eles. «Sê nosso convidado», dizem eles, porque querem ser seus anfitriões. Convidam o estranho a pôr de parte o seu

carácter de forasteiro e a tornar-se amigo de ambos. É isso que significa a verdadeira hospitalidade, oferecer um lugar seguro, onde o estranho se possa tornar amigo. Havia dois amigos e um estranho. Agora, porém, há três amigos, que partilham a mesma mesa.

A mesa é o lugar da intimidade. À volta da mesa descobrimo-nos uns aos outros. É o lugar onde rezamos. É o lugar onde perguntamos: «Como foi o teu dia?» É o lugar onde comemos e bebemos juntos e insistimos: «Vamos, come mais um pouco!» É o lugar das histórias novas e velhas. É o lugar dos sorrisos e das lágrimas. Por outro lado, a mesa também é o lugar em que mais dolorosamente se sente o distanciamento entre os convivas. É o lugar onde os filhos sentem a tensão entre os pais, onde os Irmãos e as irmãs manifestam a sua Ira e os seus ciúmes, em que se fazem acusações e em que os pratos e os copos se tornam Instrumentos de violência. À volta da mesa percebemos se há amizade e comunidade ou ódio e divisão. Precisamente porque a mesa é o lugar da intimidade para todos os membros da família, também é o lugar onde a ausência dessa intimidade mais dolorosamente se revela.

Quando, na noite antes da sua morte, Jesus se reuniu com os discípulos à volta da mesa, Ele revelou em simultâneo intimidade e distanciamento. Ele partilhou o pão e o cálice como sinal de amizade, mas também disse: «Vede, a mão daquele que me vai entregar está comigo à mesa!»

Quando penso na minha juventude, recordo em primeiro lugar as nossas refeições em família, sobretudo em dias festivos. Recordo as decorações de Natal, os bolos de aniversário, as velas de Páscoa e todos aqueles rostos sorridentes. Mas também recordo as palavras de cólera, as saídas da mesa de rompante, as lágrimas, o embaraço e os silêncios que pareciam intermináveis.

Nós somos mais vulneráveis quando dormimos ou comemos juntos. A cama e a mesa são os dois lugares de maior intimidade. E também são os dois lugares de maior dor. Talvez por isso, destes dois lugares, a mesa seja o mais importante, pois é o lugar em que todos aqueles que vivem em nossa casa se reúnem e em que o espírito de família, comunidade, amizade, hospitalidade e verdadeira generosidade se podem exprimir e concretizar.

Jesus aceita o convite para entrar em casa dos seus companheiros de viagem, e senta-se à mesa com eles. Eles oferecem-lhe o lugar de honra. Jesus ocupa o centro. Eles sentam-se cada um a seu lado. Eles olham para Ele. Jesus olha para eles. Há intimidade, amizade, comunidade. De repente, qualquer coisa nova acontece. Uma coisa insignificante para um olhar inexperiente. Jesus é o convidado dos seus discípulos, mas, mal entra em casa deles, passa a ser seu anfitrião! E como seu anfitrião convida-os a entrar em plena comunhão com Ele.

ENTRANDO EM COMUNHÃO

- «*Tomai e comei*»

Quando Jesus entra em casa dos seus discípulos, esta torna-se a sua casa. O convidado torna-se anfitrião. Aquele que foi convidado passa a ser aquele que convida. Os dois discípulos que confiaram o suficiente no estranho para o deixarem entrar no seu espaço mais íntimo, são agora conduzidos para a vida íntima do seu anfitrião.

«E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho.» Tão simples, tão vulgar, tão óbvio e, contudo — tão diferente! Que mais podemos fazer quando partilhamos o pão com os nossos amigos? Tomamo-lo, abençoamo-lo, partimo-lo e repartimo-lo. É para isso que o pão serve: para ser tomado, abençoado, partido e repartido. Nada de novo, nada de surpreendente. Acontece todos os dias, em inúmeras casas. Faz parte da essência da vida. Nós não podemos viver de verdade sem pão que seja tomado, abençoado, partido e repartido. Sem isso não existe intimidade à mesa, nem comunidade, nem laços de amizade, nem paz, nem amor, nem esperança. Com esse pão, porém, tudo pode tornar-se novo!

quando Ele nos falava no caminho? Porventura, não tínhamos já percebido que Ele não era um estranho para nós? Não estávamos já conscientes de que aquele que fora crucificado pelos nossos chefes estava vivo e no meio de nós? Porventura, não o tínhamos visto noutras ocasiões, em que Ele tomara o pão, o abençoara, o partira e o repartira por nós? Ele fê-lo diante da grande multidão que escutara a sua palavra durante longas horas, fizera-o na sala de cima, antes de Judas o ter entregado para sofrer, e fê-lo inúmeras vezes em que tínhamos chegado ao fim de uma longa jornada e Ele se juntou a nós à volta da mesa para uma simples refeição.

A Eucaristia é o gesto simultaneamente mais comum e mais divino que possamos imaginar. É essa a verdade de Jesus. Tão humana e, no entanto, tão divina; tão familiar, mas tão misteriosa; tão íntima, mas tão reveladora! Mas também é essa a história de Jesus que, sendo «de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a Si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (FI 2,6-8). É a história de Deus, que quer fazer-se nosso próximo, tão próximo que podemos vê-lo com os nossos olhos, ouvi-lo com os nossos ouvidos, tocá-lo com as nossas mãos; tão próximo, que não exista nada entre nós e Ele,

nada que nos separe, nada que nos divida, nada que provoque distanciamento.

Jesus é Deus-para-nós, Deus-connosco, Deus-dentro-de-nós. Jesus é Deus a dar-se completamente, a derramar-se sem reservas para nós. Jesus não se retrai nem fica agarrado àquilo que lhe pertence. Ele dá tudo o que tem para dar. «Comei, bebei, isto é o meu corpo, isto é o meu sangue... isto sou Eu para vós!»

Todos nós conhecemos este desejo de nos doarmos à mesa. Por isso, dizemos: «Come e bebe; eu preparei esta refeição para ti. Come um pouco mais; estes alimentos são para tu desfrutares, para seres fortalecido, sim, para sentires até que ponto eu te amo.» Aquilo que nós desejamos não é apenas dar de comer, mas dar-mo-nos a nós mesmos. «Sê meu convidado», costumamos dizer. E, ao animar os nossos amigos a comer da nossa mesa, queremos dizer: «Sê meu amigo, sê meu companheiro, sê o meu amor — sê parte da minha vida — eu quero dar-me a ti.»

Na Eucaristia, Jesus dá tudo o que tem. O pão não é apenas um sinal do seu desejo de se tornar nosso alimento; o cálice não é apenas um sinal da sua vontade de ser nossa bebida. Pão e vinho «tornam-se» o seu corpo e o seu sangue pela doação. O pão, na verdade, é o seu corpo que se entrega por nós; o vinho é o seu sangue derramado por nós. Tal como Deus se torna plenamente presente para nós em Jesus, também Jesus se torna plenamente presente para nós no pão e no vinho da Eucaristia. Deus não só se fez carne por nós, há muitos anos, num país muito distante. Deus também se tornou alimento e bebida para nós, neste momento da celebração eucarística, precisamente no lugar em que nos reunimos, à volta da mesa. Deus não retém nada para si; Deus dá tudo. É este o mistério da Encarnação, e é também o mistério da Eucaristia. Encarnação e Eucaristia são as duas expressões do amor Imenso de auto doação de Deus. E, assim, o sacrifício da cruz e o sacrifício da mesa são um só sacrifício, uma auto doação completa e divina, que se estende a toda a humanidade no tempo e no espaço.

A palavra que melhor exprime este mistério do amor de auto doação total de Deus é «comunhão». É a palavra que contém a verdade de que, em Jesus e através de Jesus, Deus quer, não só ensinar-nos, instruir-nos ou inspirar-nos, mas fazer-se um connosco. Deus deseja unir-se plenamente a nós de tal modo que todo o ser de Deus e todo o nosso ser possam unir-se num amor perdurável. Toda a longa história da relação de Deus com os seres humanos, que somos nós, é uma história de comunhão cada vez mais profunda. Não é apenas uma história de uniões, separações e uniões restabelecidas, mas uma história em que Deus procura caminhos sempre novos para entrar em Intima comunhão com os que foram criados à imagem divina.

Dizia Agostinho: «A minha alma anda inquieta enquanto não repousar em vós, Senhor.» Ao examinar, porém, a tortuosa história da nossa salvação, apercebo-me que não somos só nós que ansiamos por pertencer a Deus: Deus também está ansioso por nos pertencer a nós. É como se Deus estivesse a clamar: «O meu coração anda inquieto enquanto eu não puder repousar em vós, minhas criaturas bem-amadas.» Desde Adão e Eva a Abraão e Sara, desde Abraão e Sara a David e Betsabé, desde David e Betsabé a Jesus e desde então para cá, Deus clama, pedindo para ser recebido por aqueles que lhe pertencem. «Eu criei-te, dei-te todo o meu amor, guiei-te, ofereci-te o meu apoio, prometi-te que se realizariam todos os anseios do teu coração: onde estás, qual é a tua resposta, onde está o teu amor? Eu não vou desistir, vou continuar a insistir. Um dia descobrirás como eu anseio pelo teu amor!»

Deus deseja a comunhão: uma unidade que é vital e que está viva, uma intimidade que provém de ambos os lados, uma ligação que seja verdadeiramente mútua. Nada forçado ou «obrigado», mas uma comunhão livremente oferecida e recebida. Deus faz tudo o que está ao seu alcance para tornar possível essa comunhão. Deus faz-se criança dependente dos cuidados humanos, faz-se rapaz necessitado de orientação, faz-se mestre em busca de discípulos, faz-se profeta que clama por seguidores, finalmente, faz-se morto trespassado pela lança de um soldado e metido num sepulcro. No fim desta história, está de pé e fita-nos, perguntam-nos com um olhar cheio de terna expectativa: «Tu amas-me?», e mais uma vez, «Tu amas-me?» e ainda uma terceira vez, «Tu amas-me?»

É este fortíssimo desejo que Deus sente de entrar na relação mais íntima conosco que forma o núcleo da celebração eucarística e da vida eucarística. Deus não quer apenas entrar na história humana, tornando-se uma pessoa que vive numa época específica e num país determinado, mas também quer passar a ser nosso alimento e bebida quotidianos, em qualquer época e em qualquer lugar.

Por isso, Jesus toma o pão, abençoa-o, parte-o e reparte-o por nós. E, depois, quando vemos o pão nas nossas mãos e o levamos à boca para o comer, então, sim, os nossos olhos abrem-se e nós reconhecemo-lo.

A Eucaristia é reconhecimento. É a percepção plena de que aquele que toma o pão e o abençoa, parte e reparte é o mesmo que, desde o princípio dos tempos, desejou entrar em comunhão conosco. Comunhão é o que Deus quer e também aquilo que nós queremos. É o grito mais profundo de Deus e do nosso coração, porque nós fomos criados com um coração que só se poderá satisfazer por Aquele que o criou. Deus imprimiu no nosso coração um anseio por comunhão que só Deus pode, e quer, satisfazer. Deus sabe-o; nós, raramente o sabemos. Continuamos a procurar noutros lugares essa experiência de pertença. Olhamos para o esplendor da natureza, para a

agitação da história, para o especto atraente das pessoas, mas essa simples fração do pão, tão vulgar e tão pouco espetacular, parece um lugar muito improvável de encontrarmos a comunhão pela qual ansiamos. Contudo, se tivermos chorado as nossas perdas e escutado o Senhor no caminho, convidando-o a entrar no nosso ser mais íntimo, ficaremos a saber que a comunhão por que temos ansiado é a mesma comunhão que Deus tem ansiado oferecer-nos.

Há uma frase no episódio de Emaús que nos conduz, precisamente, ao mistério da comunhão. É a frase: "...reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença.» No preciso momento em que os dois amigos o reconhecem ao partir do pão, Jesus já não está com eles. Quando o pão lhes é dado a comer, deixam de o ver sentado com eles à mesa. Enquanto eles comem, Jesus tornou-se invisível. Quando eles entram na mais íntima comunhão com Jesus, o estranho — que se tornou amigo — deixa de estar com eles. Precisamente quando se torna mais presente para eles, Jesus também se torna o ausente.

Estamos a tocar um dos aspetos mais sagrados da Eucaristia: o mistério da comunhão mais profunda com Jesus é uma comunhão que acontece na sua ausência. Os dois discípulos que se encaminhavam para Emaús tinham-no escutado durante muitas horas, tinham-no acompanhado de aldeia em aldeia, tinham-no ajudado na sua pregação, tinham descansado e comido com Ele. Ao longo do ano, Ele tornara-se seu mestre, seu guia, seu senhor. Todas as esperanças que ambos nutriam de um futuro novo e melhor estavam centradas nele. Contudo... nunca tinham chegado a conhecê-lo plenamente, a entendê-lo perfeitamente. «Agora não compreendeis, mais tarde compreendereis», dissera-lhes Ele muitas vezes. Eles não sabiam ao certo o que estava a tentar dizer-lhes. Pensavam que estavam mais próximos dele do que de qualquer outra pessoa que jamais tivessem conhecido. Contudo, Ele continuava a dizer: «Digo-vos isto agora... para que, mais tarde, quando Eu já não estiver convosco, vos lembreis e compreendais.» Certo dia chegara mesmo a dizer-lhes que era bom que partisse, para que o seu Espírito pudesse descer e conduzi-los à plena intimidade com Ele. C) seu Espírito abrir-lhes-ia os olhos, fazendo-os compreender plenamente quem era e porque descera até eles.

Durante todo esse tempo com os discípulos, a comunhão nunca fora plena. Sim, tinham vivido com Ele e tinham-se sentado a seus pés; tinham sido seus discípulos, e até mesmo seus amigos. Mas ainda não tinham entrado em plena comunhão com Ele. O Corpo e o Sangue de Jesus ainda não se tornara «um» com o corpo e o sangue deles. Sob muitos aspetos, Ele continuara a ser sempre o outro, «aquele ali», aquele que ia à frente deles mostrando-lhes o caminho. Mas quando eles comem o pão que Jesus lhes dá e o reconhecem, esse reconhecimento é uma profunda consciência

espiritual de que, agora, Jesus habita o seu ser mais profundo, de que, agora, Jesus respira neles, fala neles, sim, vive neles. Quando comem o pão que Ele lhes estende, as suas vidas transformam-se na vida dele. Já não são eles que vivem; é Jesus Cristo que vive neles. E precisamente nesse momento mais sagrado de comunhão, Jesus desapareceu da vista de ambos.

É isto que nós vivemos na celebração eucarística. E também é isto que nós vivemos quando levamos uma vida eucarística. É uma comunhão tão íntima, tão santa, tão sagrada e tão espiritual que os nossos sentidos corporais já não podem alcançá-la. Nós já não podemos vê-lo com os nossos olhos mortais, ouvi-lo com os nossos ouvidos mortais ou tocá-lo com os nossos corpos mortais. Ele alcançou esse lugar dentro de nós que os poderes das trevas e do mal não podem alcançar, esse lugar ao qual a morte não tem acesso.

Quando Jesus nos estende o pão e o coloca nas nossas mãos, quando aproxima o cálice dos nossos lábios, pede-nos que nos libertemos da amizade fácil que nos tem unido a Ele e dos sentimentos, emoções e até mesmo pensamentos que fazem parte dessa amizade. Quando comemos o seu Corpo e bebemos o seu Sangue, aceitamos a solidão de já não o termos à nossa mesa como voz consoladora que conversa connosco, ajudando-nos a enfrentar as perdas da nossa vida quotidiana. É a solidão da vida espiritual, a solidão de saber que Ele está mais perto de nós do que nós alguma vez poderemos estar perto de nós próprios. É a solidão da fé.

Nós continuaremos a clamar, «Senhor, tem piedade»; nós continuaremos a escutar as escrituras e o seu significado; nós continuaremos a dizer: «Sim, creio.» Mas a comunhão com Ele ultrapassa em muito tudo isso. Ela leva-nos ao lugar em que a luz cega os nossos olhos e em que todo o nosso ser está envolto em «não ver». É nesse lugar de comunhão que clamamos: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?» É nesse lugar, também, que do nosso vazio brota a oração: «Pai, em tuas mãos entrego o meu Espírito.»

A comunhão com Jesus significa tornarmo-nos como Ele. Com Ele somos pregados à cruz, com Ele somos metidos no sepulcro, com Ele somos ressuscitados e caminhamos lado a lado como viajantes perdidos na sua caminhada. A comunhão, a nossa identificação com Cristo, conduz-nos a um novo reino do ser, impele-nos a entrar no Reino. Aí, as velhas distinções entre felicidade e tristeza, êxito e fracasso, louvor e acusação, saúde e doença, vida e morte deixam de existir. Aí, já não pertencemos ao mundo que continua a dividir, a julgar, a separar e a avaliar. Aí, pertencemos a Cristo e Cristo pertence-nos a nós, e com Cristo pertencemos a Deus. De repente, os dois discípulos, que o reconheceram ao comer o pão, estão novamente sozinhos. Mas não com a solidão com que tinham dado início à sua viagem. Estão sozinhos, juntos, e sabem que um

novo elo de união foi estabelecido entre eles. Já não têm os olhos pregados no chão nem o rosto abatido. Olham um para o outro e exclamam: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»

A comunhão cria comunidade. Cristo, vivendo neles, uniu-os de uma maneira nova. O Espírito de Cristo ressuscitado, que entrou neles ao comerem o pão e beberem do cálice, não só os fez reconhecer o próprio Cristo, mas também um ao outro, como membros de uma nova comunidade de fé. A comunhão faz-nos olhar uns para os outros e falar uns com os outros, não acerca das últimas notícias, mas acerca daquele que caminhava ao nosso lado. Descobrimo-nos mutuamente como pessoas que pertencem umas às outras, porque agora cada um de nós lhe pertence a Ele. Estamos sozinhos, porque Ele desapareceu da nossa vista, mas estamos juntos, porque cada um de nós está em comunhão com Ele e por isso tornou-se um só corpo através dele.

Nós comemos o seu Corpo e bebemos o seu Sangue. Ao fazê-lo, todos nós, que comemos do mesmo pão e bebemos do mesmo cálice, nos tornamos um só corpo. A comunhão cria comunidade, porque o Deus vivo em nós faz-nos reconhecer Deus VIVO nos homens nossos Irmãos. Nós não podemos ver a Deus na outra pessoa. Só Deus em nós pode reconhecer Deus na outra pessoa. Isso que significamos quando dizemos: «O Espírito fala ao Espírito, o Coração fala ao Coração, Deus fala a Deus.» A nossa participação na vida íntima de Deus conduz-nos a uma nova forma de participação na vida uns dos outros.

Isto pode parecer muito «irreal», mas, quando nós o vivemos, torna-se mais real do que a «realidade» do mundo. Como diz Paulo: «O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1 Cor 10,16-17).

Este novo corpo é um corpo espiritual, moldado pelo Espírito de amor. Manifesta-se através de formas muito concretas: do perdão, da reconciliação, do apoio mútuo, da ajuda a pessoas necessitadas, da solidariedade com todos os que sofrem, e de uma preocupação crescente com a justiça e com a paz. Assim, a comunhão não só cria comunidade, mas a comunidade conduz sempre à missão.

V - PARTINDO EM MISSÃO

- *«Ide e anunciai»*

Tudo mudou. As perdas deixaram de ser consideradas debilitantes; a casa deixou de ser um lugar vazio. Os dois caminhantes que tinham iniciado a sua viagem de rosto abatido olham agora um para o outro com os olhos iluminados por uma nova luz. O estranho, que se tornara amigo, deu-lhes o seu espírito, o espírito divino de alegria, paz, fortaleza, esperança e amor. Dissiparam-se as dúvidas das suas mentes: Jesus está vivo! Não VIVO como antes, não como o fascinante pregador e curador de Nazaré, mas vivo como novo alento insuflado neles. Cléophas e o seu amigo tornaram-se duas novas pessoas. Foi-lhes dado um novo coração e um novo espírito. Além disso, também se tornaram novos amigos um para o outro — já não pessoas capazes de trocar entre si consolação e apoio enquanto choram as suas perdas, mas pessoas com uma nova missão que, juntas, têm qualquer coisa a dizer, qualquer coisa importante, qualquer coisa urgente, qualquer coisa que não pode permanecer oculta, qualquer coisa que tem de ser proclamada. Felizmente, têm-se um ao outro.

Ninguém acreditaria apenas num deles. Mas, se falarem juntos, dar-lhes-ão crédito certamente.

Os outros precisam de saber, pois também eles tinham colocado toda a sua esperança em Jesus. Há os onze que comeram com Ele na noite anterior à sua morte; há os discípulos, tanto homens como mulheres, que o tinham seguido durante vários anos. Todos eles precisam de saber o que lhes sucedeu. Precisam de saber que não está tudo acabado. Precisam de saber que Jesus está vivo que eles o reconheceram quando lhes estendeu o pão. Não há tempo a perder. «Partamos imediatamente», dizem um ao outro. Calçam depressa as sandálias, pegam nos mantos e nos cajados e tomam o caminho de regresso, em busca daqueles que talvez ainda não saibam que as mulheres que tinham ouvido dos anjos a notícia de que Jesus está vivo falavam verdade. A história resume tudo em muito poucas palavras: «Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém.»

Que diferença entre o seu «ir para casa» e o seu regresso a Jerusalém! É a diferença entre a dúvida e a fé, o desespero e a esperança, o medo e o amor. É a diferença entre dois seres humanos completamente desiludidos, que se arrastam ao longo da estrada, e dois amigos que caminham rapidamente, por vezes até correndo, muito excitados com a notícia que têm para dar aos seus outros amigos.

O regresso à cidade não é isento de perigos. Após a execução de Jesus, os seus discípulos têm medo. Interrogam-se qual será o seu próprio destino.

Contudo, tendo reconhecido o seu Senhor, o seu medo dissipou-se, e eles estão livres para se tornarem testemunhas da ressurreição — seja qual for o preço a pagar. Percebem que as pessoas que Odiavam Jesus também podem odiá-los a eles, que as pessoas que mataram Jesus podem matá-los também a eles. O seu regresso poderá, de facto, custar-lhes a vida. Podem chamá-los a dar testemunho, não só mediante palavras, mas com o seu próprio sangue. No entanto, eles já não receiam o martírio. O Senhor ressuscitado, presente no seu ser mais íntimo, encheu-os de um amor mais forte do que a morte.

Nada pode impedi-los de regressar a casa, mesmo que a casa Já não signifique um «lugar» seguro.

A Eucaristia termina com um envio, «Ide e anunciai!» As palavras latinas «Ite Missa est», com as quais o sacerdote costumava terminar a missa, significam literalmente: «Ide, é esta a vossa missão.»

A comunhão não é o fim. O fim é a missão. A comunhão, essa intimidade sagrada com Deus, não é o momento final da vida eucarística. Nós reconhecemo-lo, mas esse reconhecimento não serve apenas para que o saboreemos ou mantenhamos em segredo. Tal como Maria de Magdala, também os dois amigos tinham ouvido no seu íntimo as palavras «Ide e anunciai». É esta a conclusão da celebração eucarística; também é essa a chamada final da vida eucarística. «Ide e anunciai. Aquilo que ouvistes e visteis não é apenas para vós. para os vossos Irmãos e Irmãs, e para todos aqueles que estiverem preparados para receber o anúncio. Ide, não vos detenhais, não fiquéis à espera, não hesiteis, parti de imediato e regressar aos lugares de onde viestes, e dai a saber àqueles que deixastes para trás nos seus esconderijos que não devem ter medo de nada, que Jesus está ressuscitado; verdadeiramente, Ele está ressuscitado.»

É importante percebermos que a missão é, primeiro que tudo, uma missão dirigida àqueles que não são estranhos para nós. Eles conhecem-nos e, tal como nós, também ouviram falar de Jesus, mas perderam a coragem. A missão dirige-se sempre, em primeiro lugar, aos nossos, à nossa família, aos nossos amigos, àqueles que partilham da intimidade da nossa vida. Chegar a esta conclusão não é muito agradável. Eu tenho sempre mais dificuldade em falar de Jesus àqueles que me conhecem intimamente do que àqueles que nunca tiveram de se confrontar com a minha «peculiar maneira de ser». Contudo, nisso reside um grande desafio. Até certo ponto, a autenticidade da nossa experiência é posta à prova pelos nossos pais, pelos nossos cônjuges, pelos nossos filhos, pelos nossos Irmãos e Irmãs, por todos aqueles que nos conhecem muito bem.

Muitas vezes ouviremos dizer: «Bem, lá está ele outra vez. Bem, lá vem ela com a cantiga de sempre. Nós já sabemos como é que as corsas se passam.

Já assistimos a este entusiasmo exagerado noutras ocasiões. Mas há-de passar-lhe... tal como antes.» Muitas vezes tais palavras encerram uma grande verdade. Por que razão haviam eles de confiar em nós, quando chegamos a casa dominados por uma grande excitação? Por que haviam eles de nos tomar a sério? Nós não somos assim tão dignos de confiança; não somos assim tão diferentes do resto da nossa família e dos nossos amigos. Além disso, o mundo está cheio de histórias, de boatos, de pregadores e evangelizadores. Há boas razões para um certo ceticismo. Os que não foram connosco à Eucaristia não são melhores nem piores do que nós. Também eles ouviram a história de Jesus. Alguns foram batizados; outros chegaram a frequentar a Igreja por algum tempo, ou até durante muito tempo. Mas depois, pouco a pouco, a história de Jesus passou a ser apenas uma história. A Igreja passou a ser obrigação, a Eucaristia transformou-se num ritual. A certa altura, tudo passou a ser uma recordação amarga ou doce. A certa altura, qualquer coisa morreu dentro deles. E por que havia alguém que nos conhece bem de acreditar subitamente em nós, ao regressarmos da Eucaristia?

É por essa razão que não é apenas a Eucaristia, mas a «vida eucarística» que faz a diferença. Cada dia, sim, cada momento do dia, sentimos a dor das nossas perdas e a oportunidade de escutar uma palavra que nos peça para optarmos por viver essas perdas como um caninho para a glória. Dia após dia, também há a possibilidade de convidar o estranho para nossa casa e de o deixar partir o pão para nós. A celebração eucarística tem representado para nós aquilo que significa a nossa vida de fé, e devemos regressar a casa dispostos a vivê-la da forma mais perdurável e plena que pudermos. E isso é muito difícil, porque toda a gente em nossa casa nos conhece muito bem: a nossa impaciência, os nossos ciúmes, os nossos ressentimentos e todas as nossas múltiplas pequenas jogadas. Além disso, ainda há as nossas relações fracassadas, as nossas promessas por cumprir e os compromissos que não respeitámos. Poderemos realmente dizer que encontramos Jesus no caminho, que recebemos o seu Corpo e o seu Sangue e que nos tornámos assim verdadeiros Cristos vivos? Toda a gente que vive connosco está pronta a pôr-nos à prova.

Mas ainda há outra coisa. Há uma grande surpresa à espera dos dois emocionados companheiros que entraram de rompante na sala onde os seus amigos estavam reunidos... ansiosos por lhes contar a grande notícia. Aqueles seus amigos também já sabiam! A boa nova que eles traziam afinal já não era nova. Antes de eles terem a oportunidade de contar a sua história, os onze e os seus companheiros anunciaram-lhes: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão Pedro.» É uma situação bastante cómica. Ali chegam eles, a correr, quase sem fôlego, muito excitados, e afinal descobrem que aqueles que tinham ficado na cidade já tinham ouvido

a notícia, embora não tivessem encontrado o Senhor no caminho nem se tivessem sentado com Ele à mesa. Jesus aparecera a Simão, e Simão era muito mais digno de crédito do que aqueles dois discípulos que não tinham ficado com os onze, mas tinham regressado a casa, pensando que tudo tinha acabado. Claro que o grupo também se alegrou e entusiasmou ao ouvir a sua história, mas esta serviu apenas para confirmar que Jesus, de facto, estava vivo.

Há muitas maneiras pelas quais Jesus aparece e muitas outras pelas quais nos faz saber que está vivo. Aquilo que nós celebramos na Eucaristia acontece de muito mais formas, do que nós possamos imaginar. Jesus, que partiu o pão para nós, já tinha tocado os corações de outros muito antes de nos ter encontrado no caminho. Chamou uma mulher pelo seu nome, e ela percebeu que era Ele; mostrou as suas feridas a um pequeno grupo, e eles perceberam que era Ele. Nós temos as nossas histórias para contar, e é importante que as contemos, mas as nossas histórias não são as únicas. Nós temos uma missão a cumprir, e é bom que nos sintamos entusiasmados, mas primeiro temos de ouvir aquilo que outros têm para nos dizer. Então, as nossas histórias poderão ser contadas, tornando-se fonte de alegria.

Tudo isto aponta para a comunidade. Os dois amigos, que tinham conseguido contar um ao outro como ardia o seu coração, começavam a entrar numa nova relação mútua, uma relação construída na comunhão que ambos tinham experimentado. A sua comunhão com Jesus era, de facto, um princípio de comunidade... mas só um princípio. Eles precisavam de se encontrar com os outros que também acreditavam que Jesus estava ressuscitado, que também o tinham visto ou tinham ouvido dizer que Ele estava VIVO. Precisavam de escutar todas essas histórias, cada uma diferente das outras, e de descobrir as muitas formas pelas quais Jesus e o seu Espírito trabalham no meio do seu povo.

É tão fácil reduzir Jesus ao «nosso» Jesus, à «nossa» experiência do seu amor, à «nossa» maneira de o conhecermos. Jesus, porém, deixou-nos, para poder enviar-nos o seu Espírito, e o seu Espírito sopra onde quer. A comunidade de fé é o lugar onde são contadas muitas histórias acerca (na forma de manifestação de Jesus. Essas histórias podem ser muito diferentes umas das outras. Pode até parecer que chocam umas com as outras, mas, à medida que formos continuando a escutar atentamente o Espírito que se manifesta através de muitas pessoas, tanto por palavras como no silêncio, tanto através da confrontação como do convite, tanto com doçura como com firmeza, tanto com lágrimas como com sorrisos — então iremos discernindo gradualmente que todos nós pertencemos uns aos outros, como um único corpo entretido pelo Espírito de Jesus.

Na Eucaristia pedem-nos que deixemos a mesa e vamos ter com os nossos amigos, para descobrirmos com eles que Jesus está verdadeiramente vivo e nos chama a juntar-nos formando um novo povo — o povo da ressurreição.

Aqui acaba a história de Cléophas e do seu amigo. Acaba com os dois amigos a relatar o que lhes sucedera aos onze e aos seus companheiros. A sua missão, porém, não acaba aqui; aliás, ela mal começou. A narração da história daquilo que sucedeu no caminho e à volta da mesa é o princípio de uma vida de missão, vivida todos os dias da nossa vida, até que o vejamos de novo, face a face.

Formar uma comunidade com a família e os amigos, construir um corpo de amor, formar um novo povo da ressurreição: tudo isto não serve apenas para que possamos viver uma vida protegida das forças obscuras que dominam o mundo; serve, antes, para nos permitir proclamar juntos a toda a gente, tanto a novos como a velhos, tanto a brancos como a negros, tanto a pobres como a ricos, que a morte não tem a última palavra, que a esperança tem razão de ser e que Deus está vivo.

A Eucaristia é sempre missão. A Eucaristia que nos libertou (Io nosso sentimento paralisante de perda e nos revelou que o Espírito de Jesus vive dentro de nós concede-nos o poder de sair para o mundo e de anunciar a boa nova aos pobres, a vista aos cegos, a liberdade aos cativos e de proclamar que Deus voltou a mostrar o seu favor a todos os povos. Contudo, nós não somos enviados sozinhos; somos enviados com os nossos Irmãos e Irmãs, que também sabem que Jesus vive dentro deles.

O movimento que brota da Eucaristia é o movimento da comunhão para a comunidade e para o ministério. A nossa experiência de comunhão começa por nos enviar aos nossos Irmãos e Irmãs, a fim de partilharmos com eles as nossas histórias, e de construirmos com eles um corpo de amor. Depois, como comunidade, podemos mover-nos em todas as direções e estender a mão a todas as pessoas.

Eu tenho profunda consciência da minha tendência pessoal para querer passar da comunhão ao ministério sem formar comunidade. O meu individualismo e o meu desejo de êxito pessoal tentam-me continuamente a fazer tudo sozinho e a aproveitar as funções ministeriais só para mim. O próprio Jesus, porém, nunca pregava nem curava sozinho. Lucas, o Evangelista, conta-nos como Ele passava a noite em comunhão com Deus, a manhã a formar comunidade com os doze apóstolos, e a tarde a sair com eles, para exercer o seu ministério em favor das multidões. Jesus chama-nos à mesma sequência: a passar da comunhão à comunidade e ao ministério. Ele não quer que nós partamos sozinhos. Envia-nos juntos, dois a dois, nunca entregues a nós próprios. E assim podemos dar testemunho, como pessoas que pertencem a um mesmo corpo de fé. Somos enviados a

ensinar, a curar, a inspirar e a oferecer esperança ao mundo — não como o exercício das nossas aptidões únicas, mas como expressão da nossa fé de que tudo o que temos para dar provém daquele que nos uniu.

A vida vivida de forma eucarística é sempre uma vida de missão. Vivemos num mundo que geme, esmagado pelas suas perdas: as guerras implacáveis, que destroem as pessoas e os seus países, a Inanição e a fome, que dizimam populações inteiras, o crime e a violência, que dominam, pelo medo, milhões de homens, mulheres e crianças. O cancro e a SIDA, a cólera, a malária e muitas outras doenças que arrumam o corpo de inúmeras pessoas; terremotos, Inundações e acidentes de viação... Esta é a história da vida quotidiana que enche os jornais e os ecrãs de televisão. um mundo de perdas intermináveis, e muitos, se não a maior parte, dos homens nossos Irmãos caminham cabisbaixos, sobre a superfície do nosso planeta. Eles também dizem, de certo modo: «Esperávamos... mas perdemos a esperança.» É neste mundo que somos enviados a viver de forma eucarística, ou seja, a viver com o coração a arder e os olhos e os ouvidos bem abertos. Parece uma tarefa impossível. Que pode fazer este pequeno grupo de pessoas que encontraram Jesus no caminho, no jardim ou à beira do lago, num mundo tão tenebroso e violento? O mistério (O amor de Deus consiste em que os nossos corações ardentes e os nossos ouvidos e olhos recetivos possam descobrir que aquele que encontrámos na intimidade da nossa casa continue a revelar-se a nós entre os pobres, os doentes, os famintos, os prisioneiros, os refugiados e todas as pessoas que vivem no medo.

Assim percebemos finalmente que a missão não consiste apenas em ir falar do Senhor ressuscitado aos outros, mas também em receber esse testemunho daqueles a quem somos enviados. Muitas vezes, a missão é vista exclusivamente em termos de dar, mas a verdadeira missão também é receber. Se é verdade que o Espírito de Jesus sopra onde quer, não há ninguém que não possa transmitir esse mesmo Espírito. A longo prazo, a missão só é possível na medida em que for tanto receber como dar, tanto ser amado como amar. Nós somos enviados aos doentes, aos moribundos, aos deficientes, aos prisioneiros e aos refugiados para lhes levar a boa nova da ressurreição do Senhor. Em breve, porém, ficaremos queimados, se não conseguirmos receber o Espírito do Senhor daqueles a quem somos enviados.

Esse Espírito, o Espírito de amor, está escondido na sua pobreza, fragilidade e dor. Foi por isso que Jesus disse: «Bem-aventurados os pobres, os perseguidos, os que choram.» De cada vez que lhes estendermos a mão, eles, por sua vez — quer tenham consciência disso quer não — abençoar-nos-ão com o Espírito de Jesus, tornando-se assim nossos ministros. Sem esta troca mútua de dar e receber, missão e ministério

tornam-se facilmente manipuladores ou violentos. Quando só um é que dá e o outro recebe, quem dá, em breve, torna-se opressor e quem recebe torna-se vítima. No entanto, quando o que dá recebe e o que recebe dá, o círculo de amor, iniciado na comunidade dos discípulos, pode crescer até abarcar o mundo.

Faz parte da essência da vida eucarística fazer com que este círculo de amor cresça. Tendo entrado em comunhão com Jesus e criado comunidade com aqueles que sabem que Ele está vivo, podemos agora partir e juntarmo-nos aos inúmeros viajantes solitários, ajudando-os a descobrir que também eles têm o dom do amor para partilhar. Já não temos medo da sua tristeza nem da sua dor, mas podemos perguntar-lhes simplesmente: «Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?» Então ouviremos histórias de uma solidão Imensa, de medo, de rejeição, de abandono e de tristeza. Teremos de as escutar, muitas vezes longamente, mas também teremos oportunidade de dizer, com palavras ou com simples gestos: «Não sabeis que aquilo de que vos queixais também pode ser vivido como caminho para uma realidade nova? Talvez seja impossível mudar aquilo que vos sucedeu, mas continuais a ser livres para escolher a forma como o podeis viver.»

Nem toda a gente nos escutará e só alguns nos convidarão a entrar na sua vida e a sentar-nos com eles à mesa. Só raramente será possível oferecer-lhes o pão que dá vida e curar verdadeiramente o seu coração despedaçado. O próprio Jesus não curou todos os doentes, nem mudou a vida de toda a gente. A maior parte das pessoas simplesmente não acredita que as mudanças radicais sejam possíveis e não consegue abrir o seu coração quando se encontra com estranhos. De cada vez, porém, que se dê um verdadeiro encontro conducente do desespero à esperança, e da amargura à gratidão, veremos que parte das trevas se dissipa e que a vida, mas uma vez, atravessa as fronteiras da morte.

Tem sido esta, e continua a ser, a experiência daqueles que levam uma vida eucarística. Eles veem que é sua missão desafiar com persistência os seus companheiros de viagem a escolherem a gratidão, em vez do ressentimento, e a esperança, em vez do desespero. E as poucas vezes que esse desafio é aceite, são suficientes para fazer que as suas vidas sejam dignas de ser vividas. Ver um sorriso esboçar-se por entre lágrimas é testemunhar um milagre — o milagre da alegria.

Em termos estatísticos, nada disto é muito interessante. Os que perguntam: «A quantas pessoas conseguiste chegar? Quantas mudanças operaste? Quantas doenças pudeste curar? Quanta alegria fizeste brotar?», receberão sempre respostas desanimadoras. Jesus e os seus seguidores não tiveram grande sucesso. O mundo continua a ser um lugar tenebroso, cheio de violência, de corrupção, de opressão e de exploração. E é muito provável

que ISSO se mantenha até ao fim! A questão não é: «Em quanto tempo e quantos!», mas «Onde e quando?» Onde esta a Eucaristia a ser celebrada, onde estão as pessoas que se reúnem a volta da mesa e partem o pão juntas, e quando é que ISSO acontece? O mundo jaz sob o domínio do maligno. C) mundo não reconhece a luz que brilha nas trevas. Nunca reconheceu, nem nunca reconhecerá. Mas há pessoas que, no meio deste mundo, vivem sabendo que Jesus está vivo e vive dentro de nós, que Ele ultrapassou o poder da morte e abre o caminho para a glória. Haverá pessoas que se reúnam, que se sentem à volta (Ia mesa para fazer o que Jesus fez, em memória dele'? Haverá pessoas que continuem a contar umas às outras estas histórias de esperança e que partam Juntas, na ânsia de cuidar os homens seus Irmãos, não pretendendo resolver-lhes todos os problemas, mas lazer aflorar um sorriso aos lábios de um moribundo e despontar uma pequena esperança no coração de uma criança abandonada?

É tão pequena, tão pouco espetacular, tão escondida, esta vida eucarística... mas é como o fermento, como um grão de mostarda, como um sorriso no rosto de um bebé. E ela que mantém a fé, a esperança e o amor VI vos num mundo constantemente a beira da autodestruição.

A Eucaristia, por vezes, é celebrada com grande pompa, em catedrais e basílicas magníficas. A maior parte das vezes, porém, é um «pequeno» acontecimento de que poucas pessoas se apercebem. Acontece numa sala, na cela de uma prisão, num sótão — longe da vista dos grandes movimentos do mundo. Acontece em segredo, sem vestes pomposas, sem velas nem Incenso. Acontece com gestos tão simples, que as pessoas de lora nem sequer se apercebem que está a ter lugar. Contudo, grande ou pequeno, (estivo ou oculto, é sempre o mesmo acontecimento, revelando que a vida é mais forte do que a morte e que o amor é mais forte do que o medo.

A palavra «Eucaristia» significa, literalmente, «Acção de graças». Uma vida eucarística é uma vida transbordante de gratidão. A história dos dois amigos, dos dois amigos que se encaminham para Emaús, que também é a nossa história, revelou-nos que a gratidão não é uma atitude óbvia frente à vida. A gratidão precisa de ser descoberta e vivida com um grande cuidado interior. As nossas perdas, as nossas experiências de rejeição e abandono e os nossos Inúmeros momentos de desilusão incitam-nos constantemente à ira, à amargura e ao ressentimento. Quando deixamos simplesmente os «factos» falar, haverá sempre factos suficientes para nos convencerem que a vida, afinal, desemboca no nada e que qualquer tentativa de vencer esse destino é apenas sinal de profunda ingenuidade.

Jesus deu-nos a Eucaristia para nos permitir optar pela gratidão. É uma escolha que tem de ser nossa, pessoal. Ninguém pode fazê-la em nosso nome. A Eucaristia, porém, impele-nos a clamar a Deus pedindo

misericórdia, a escutar as palavras de Jesus, a convidá-lo para nossa casa, a entrar em comunhão com Ele e a proclamar a Boa Nova ao mundo; abrenos à possibilidade de gradualmente nos irmos libertando dos nossos Inúmeros ressentimentos e de optarmos pela gratidão. A celebração eucarística convida-nos constantemente a ter essa atitude. Na nossa vida quotidiana, temos oportunidades incontáveis de mostrar gratidão em vez de ressentimento. Ao princípio, podemos não reconhecer essas oportunidades. Mesmo sem darmos por isso, quantas vezes já nos lamentámos: «Isto é de mais para mim. A única solução é deixar-me dominar pela cólera, dando largas à mesma. A vida não é justa, eu não posso comportar-me como se ela o fosse.» Contudo, há sempre aquela voz que nos sugere, uma e outra vez, que estamos cegos pelo nosso próprio entendimento, que nos estamos a arrastar, a nós e uns aos outros, para um buraco sem salda. É a voz que nos chama «Insensatos», a voz que nos pede que olhemos de uma maneira completamente nova para a nossa vida, com um olhar que não parta de baixo, através do qual só contamos as nossas perdas, mas com um olhar vindo do alto, onde Deus nos oferece a sua glória.

Finalmente, a Eucaristia — ação de graças — vem do alto. É o dom que nós não podemos fabricar para nós. Tem de ser recebido. É oferecido gratuitamente e pede para ser recebido gratuitamente. Nisso consiste em a nossa opção! Podemos optar por deixar que o estranho prossiga viagem e assim continue a ser apenas um estranho. Mas também o podemos convidar a entrar na nossa vida interior, também podemos deixar que Ele toque cada parte do nosso ser e, depois, transforme os nossos ressentimentos em gratidão. Não somos obrigados a fazê-lo. De facto, a maioria das pessoas não o faz. Mas, consoante a frequência com que tomarmos essa opção, tudo será renovado, até as coisas mais triviais. As nossas pequenas vidas tornam-se grandes — passando a fazer parte da misteriosa obra da salvação de Deus. Quando isso acontecer, deixará de haver factos acidentais, casuais ou fúteis. Até o acontecimento mais insignificante falará a linguagem da fé, da esperança e, acima de tudo, do amor.

É esta a vida eucarística, a vida em que tudo se transforma em oportunidade de dizer «Obrigado» àquele que se juntou a nós no caminho.